Os Camaras de Maranguape

José Bonifácio Camara

Nesta memorável 1.ª Convenção da Família Camara fui designado para ser um dos conferencistas. Somente a bondade dos primos poderia explicar a escolha, pois não me sinto credenciado para tanto. Pronunciar uma conferência seria tarefa indicada para os genealogistas da família, tais como Fernando Camara, Eduardo Bezerra Neto e Vanius Meton Gadelha Camara Vieira.

Feita a ressalva, digamos que vou fazer uma palestra desataviada sobre um ramo da família, que deixando a terra-mater de Quixeramobim, deslocou-se para Maranguape. Estarei também cumprindo um dos dispositivos dos nossos Estatutos, que ordena, em cada reunião, sejam homenageados os nossos mortos queridos.

Ficarão, portanto, desde já, registrados nos nossos Anais o sexagésimo aniversário de falecimento do Dr. José Bonifácio da Silva Camara e do seu irmão Miguel Alves da Silva Camara, e o centenário de nascimento de José Bonifácio Camara Junior e do seu primo carnal Alvaro Correia Camara, decorridos recentemente em 1984 e 1985. O meu avô, Dr. José Bonifácio da Silva Camara, de quem herdei o nome completo, será o tema central desta conversa amiga.

Antes, porém, de entrar no assunto, peço a licença e a paciência dos presentes para estabelecer uma preliminar.

Mestre Luiz da Camara Cascudo — uma das maiores figuras do pensamento brasileiro — afirma com a sua autoridade

incontestável que todos os Camaras são parentes, descendentes que são dos três irmãos portugueses que vieram para o Brasil no início da colonização e que se fixaram em Pernambuco, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul. Assim, qualquer Camara que se dignar comparecer a um das nossas reuniões será recebido com júbilo por todos nós. Mas torna-se imperativo assinalar que o tronco cearense dos Camaras é representado pela figura de Miguel Alves de Melo Camara, uma vez que o seu parente (segundo a teoria cascudiana) Manoel Torres Camara, chegado na mesma época a Quixeramobim, vindos ambos do Rio Grande do Norte, não deixou descendência. Temo-lo, portanto, como o Patriarca da nossa família e a ele rendemos as nossas homenagens.

Miguel Alves de Melo Camara casou duas vezes: a primeira com Maria Joaquina da Rocha e Melo e a segunda com Antonia de Matos Souza. Faleceu em Quixeramobim em 10 de novembro de 1867, deixando duas filhas do primeiro matrimônio: Ana Joaquina, casada com o Coronel Antonio Rodrigues da Silva e Souza e Florinda Cândida, casada com Ernesto Brasil de Matos.

Para chegarmos a Maranguape, vamos seguir a descendência da nossa avoenga Ana Joaquina. Casada como já foi dito com o Coronel Silva e Souza — uma das grandes figuras do nosso clã, conforme demonstrou Fernando Camara na sua magnífica conferência pronunciada no ano passado, no Instituto do Ceará, por ocasião da decorrência do centenário do seu falecimento — Ana Joaquina teve os seguintes filhos, todos nascidos em Quixeramobim: Dr. Antonio Rodrigues da Silva e Souza Filho, o Dr. Totó, como era conhecido na família, falecido sem deixar descendentes; Heráclito Zábulon da Silva Camara, casado com Maria Ivo de Oliveira Camara, avós de Miguel Fenelon Camara — cidadão-padrão de Quixeramobim, onde passou toda a sua existência de notário público exemplar — e Antonio Zábulon Camara, através de cujo filho, o Juiz José Ózimo da Silva Camara, deu origem ao ramo da família na região dos Inhamuns; Maria Anália Benvinda, falecida solteira; Probo da Silva Camara, casado em primeiras núpcias com a sua prima Maria Ivo de Oliveira Camara, viúva do seu irmão Heráclito Zabulon, e pela segunda vez com Hortencia Cavalcante de Albuquerque, dando origem ao ramo paraibano de Campina Grande; Elvira Clotilde, casada com Francisco Ivo de Oliveira e Silva, casal que deu origem ao ramo de Mombaça e do sertão central; Amélia, falecida criança; Dr. José Bonifácio

da Silva Camara e Miguel Alves da Silva Camara, fundadores do ramo maranguapense da família.

A tradiçao guarda o esposo amantíssimo que foi o Coronel Silva e Souza, ao ponto de, como preito de admiração à Ana Joaquina e abdicando dos seus legítimos direitos de pai, dar aos filhos o sobrenome da querida companheira. Enviuvando, não lhe deu substituta e completou sozinho a criação da prole. Sem nunca ter saído do Quixeramobim, com os horizontes limitados ao pequeno burgo sertanejo daquela época — e já lá se vão cento e dez anos! — formou dois filhos bacharéis pela Faculdade de Direito do Recife, os doutores Totó e José Bonifácio. Todos os anos mandava uma boiada para ser vendida na feira de Goiana, em Pernambuco. O dinheiro era entregue a um correspondente para a manutenção e o custeio dos estudos dos dois rapazes. E isso durante cinco anos!

Formado primeiro e regressando ao Ceará, o Dr. Totó foi nomeado Juiz da Comarca de Lavras e casou-se com uma moça da tradicional família Pinto de Mendonça, do Quixeramobim. Morreu ainda jovem de uma febre maligna que o levou desta para melhor em poucos dias. Não deixou descendência.

O outro bacharel, Dr. José Bonifácio da Silva Camara, colou grau em 1879. De volta à terra natal, foi nomeado Juiz de Pacatuba e logo depois viria a responder pelo juizado de Maranguape. Residia em Pacatuba e quando ia à terra de Capistrano de Abreu ficava hospedado em uma pensão familiar. Certa ocasião alguém pôs-lhe às mãos o caderno de composições em francês de uma moça da terra. Ficou impressionado e quis logo conhecer a inspirada autora. Do conhecimento ao casamento, tudo foi rápido como o vento de inverno. A moça era Maria Correia, filha do Comendador João Correia de Melo e neta do Major Agostinho Luiz da Silva, que dá nome à principal rua da cidade, da qual foi um dos pioneiros. João Correia era português de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, arquipélago dos Açores. Foi um homem notável. Espírito empreendedor, era proprietário de vários sítios na serra e industrial. É citado por João Brígido como o primeiro agricultor brasileiro que exportou laranjas para a Inglaterra. É também citado por Guimarães Duque como um dos pioneiros na extração do óleo de caroço de algodão, aproveitando as máquinas importadas pelo Barão de Ibiapaba para a extração do óleo da oiticica e logo abandonadas. Tenho, ainda, na minha biblioteca, um exemplar do Catálogo da Exposição Universal de Paris de 1867, onde o pai de nossa avó aparece como expositor de vinagre de banana.

Na terrível seca de 1877-1879, João Correia de Melo arrebanhou toda a família (não só mulher e filhos, mas também irmãos, cunhadas e sobrinhos) e foi para Portugal, livrando-se do flagelo. Passaram lá os três anos da hecatombe, quando o Ceará perdeu 50% dos seus habitantes, entre mortos e emigrados, e 90% da sua população bovina, base econômica da Província. Nesse período, João Correia não descurou da educação dos filhos, que freqüentava os melhores colégios. Lá estava nossa querida avó Marocas, ao lado de sua irmã Porfíria, que viria depois a se casar com Miguel Alves da Silva Camara, irmão do Dr. José Bonifácio, ele também atraído para Maranguape.

Contava minha avó que quando chegou a Portugal a notícia do término da grande seca, o seu pai fretou um navio para o regresso ao Ceará. E como as informações de além-mar eram no sentido de que tudo tinha sido dizimado, João Correia trouxe no navio um casal de cada espécie de animal doméstico — vacas, cavalos, carneiros, cabras, galinhas, patos e tudo mais. Era uma verdadeira Arca de Noé, dizia minha avó, com o seu terno sorriso. O enlace matrimonial de José Bonifácio e Maria Correia teve lugar em Maranguape. Tenho comigo a participação do casamento, impressa e datada ainda de Pacatuba.

Logo após ele foi confirmado Juiz de Maranguape, onde o casal viveu os seus melhores dias e teve numerosa prole. Bacharel culto e dedicado à Justiça, o Dr. José Bonifácio, como todos os Camaras, nunca perdeu o amor à terra. Possuía três fazendas no Quixeramobim: "Teotonio", herdada do seu avô, "Vaca-Serrada", herdada do seu pai e "Capitão-Mor", adquirida, por compra, a seu cunhado Francisco Ivo; tornou-se proprietário também dos sítios "Vidéo" e "Beija-Flor", na serra da Aratanha, herdados por sua mulher. Em 1891 foi nomeado Diretor da Instrução Pública do Estado, cargo que exerceu até a deposição do Presidente Clarindo de Queiroz, em 1892. Reassumindo o juizado de Maranguape, foi anos depois posto em disponibilidade "por interesses políticos", segundo afirma José Bonifácio de Souza no seu *Registro Biográfico Cearense.* Transferiu-se, então, para Fortaleza, onde passou a exercer a advocacia. Em 1914, com a queda de Franco Rabelo, foi nomeado pelo então Interventor Federal, General Setembrino de Carvalho, para a cátedra de Direito Romano da Faculdade de Direito do Ceará, onde lecionou até o ano de 1921, quando se aposentou por motivo de doença, cercado da admiração de seus alunos, companheiros de magistério e da sociedade cearense.

Nascido no Quixeramobim a 29 de abril de 1855, faleceu em Fortaleza a 7 de julho de 1925, sendo sepultado em Maranguape. Sua esposa, Maria Correia Camara — nossa inesquecível vovó Marocas e a querida "bi-vó" das novas gerações — ainda lhe sobreviveu 38 anos, tendo ultrapassado os cem anos de idade, sempre cercada do carinho de seus filhos, netos, bisnetos e trinetos. Nascida no dia 1.º de setembro de 1862, faleceu em Fortaleza a 11 de maio de 1963. Foi unir-se novamente ao esposo no cemitério de sua terra natal.

Eis aqui a numerosa prole deixada pelo casal:

1 — Maria das Mercês Camara Ribeiro, nascida a 30 de maio de 1882, casada com o capitalista Abel da Costa Ribeiro;
2 — Guiomar Camara, nascida a 18 de junho de 1883, inúpta;
3 — José Bonifácio Camara Junior, nascido a 8 de outubro de 1884, casado com Joaquina (Zilda) Montenegro Ferreira Gomes Camara, e em segundas núpcias com Alzira Marques Abreu;
4 — Jaime Camara, nascido a 17 de novembro de 1885, falecido com pouco menos de dois anos de idade;
5 — Mario Camara, nascido a 23 de novembro de 1886, casado com Zilda Albuquerque Camara;
6 — Abigail Camara Barbosa, nascida a 7 de novembro de 1888, casada com o industrial João Facundo Barbosa;
7 — Samuel Camara, nascido a 10 de setembro de 1889, casado com Anita de Castro Camara;
8 — Judith Camara Vieira, nascida a 19 de outubro de 1890, casada com o banqueiro Luiz Vieira;
9 — Olga Camara, nascida a 21 de novembro de 1891, falecida com oito dias de idade;
10 — Plínio Camara, nascido a 30 de maio de 1893, casado com Maria Idezith Paiva Camara;
11 — Noeme Camara, nascida a 21 de junho de 1895, inúpta;
12 — Clóvis Camara, nascido a 25 de setembro de 1896, falecido com oito meses de idade;
13 — Paulo Camara, nascido a 30 de março de 1899, falecido com seis dias de idade;
14 — Sara Camara, nascida a 17 de maio de 1900, inúpta.

Aí está a grande contribuição do casal Dr. José Bonifácio da Silva Camara — Maria Correia Camara para a família: 14 filhos, hoje todos falecidos, mas vivos na nossa memória!

Uma curta palavra sobre o meu pai, José Bonifácio Camara Junior, cujo centenário de nascimento comemoramos em 1984. Homem simples e bom. A maioria das pessoas que o conheceram não podia aquilatar o seu grau de cultura, pois ele não deixava transparecer. Agnóstico, tinha sua estante recheada de livros dos melhores autores "indexados": Darwin, Spencer, Renan, Ingenieros e ... Eça de Queiroz, entre outros. Li *O crime do Padre Amaro* com doze anos de idade. Logo depois, *Os Maias* e tudo mais. O seu espírito liberal teve grande influência na minha formação. Aqui estão presentes nesta Convenção todos os quatro filhos do seu casamento com Zilda Camara. Saudades.

O segundo dos dois irmãos que criaram o ramo Camara de Maranguape foi Miguel Alves da Silva Camara, cujo sexagésimo aniversário de falecimento decorreu em 1984. Atraído pelo irmão José Bonifácio, deixou Quixeramobim e veio para a terra do "sabedor de guerra", casando com Porfíria Correia, irmã da sua cunhada Marocas. Dois irmãos com duas irmãs — só poderiam formar um ramo muito forte. Homem ligado à terra, Miguel era proprietário da fazenda "Ferros", em Quixeramobim, e do sítio "Jubaia", em Maranguape, que a maioria dos presentes conheceu há quinze dias atrás na memorável *avant-premiére* desta Convenção, oferecida pelo espírito largo de Antonio Camara.

Miguel e Porfíria deixaram os seguintes filhos:

1 — Alzira Correia Camara, casada com Bento Aníbal Bonfim;
2 — Alvaro Correia Camara, casado com Didier Botelho Camara;
3 — Alice Correia Camara, inúpta;
4 — Amanda Correia Camara, inúpta;
5 — Adriano Correia Camara, casado com Isa Leite Barbosa Camara.

Alvaro, cujo centenário de nascimento estamos comemorando, figura extraordinária de homem generoso e bom, é o responsável pela contribuição que a família Camara deu à política cearense, juntamente com o seu primo o Juiz José Ózimo da Silva Camara. Um filho de Alvaro, Antonio Botelho Camara foi prefeito de Maranguape. Um neto de Alvaro, Pedro Pessôa Camara, é o atual Prefeito daquele município, ambos eleitos pelo povo. Um filho de José Ózimo é o Deputado Antonio Camara, líder da sua bancada na Assembléia Legislativa. Vale ressaltar que não sendo a política o "forte" dos Camaras, os

três primos citados, ungidos pelo sufrágio popular, têm honrado as tradições de honestidade e operosidade da família.

Para terminar, que tradições são essas? Quais os caracteres impressos nos genes dos Camaras, transmitidos pela hereditariedade ao longo de tantas gerações?

O amor à terra, que não desaparece mesmo quando eles se transferem para o meio urbano. A pecuária foi a base da família e o sertão continua a atraí-los como o país dos seus sonhos.

A tolerância, com toda a gama que a palavra abrange, no sentido de ser indulgente, condescendente, de fácil convívio, respeitando as opiniões contrárias.

A modéstia, que muitas vezes se confunde com a timidez. Procurar vencer sem "empurrar" os outros. Viver uma vida sem ostentação e sem soberba.

Uma certa desambição, que pode erroneamente ser interpretada como conformismo. A pecúnia não é a sua meta, daí o pequeno número de comerciantes no seio da família, com uma predominância de profissionais liberais, magistrados, agricultores, funcionários públicos e professores.

Finalmente, a fé, a religiosidade, que herdamos de nossos maiores e que haveremos de transmitir aos nossos descendentes pelos séculos em fora.